

# CATALOGAR PARA CONQUISTAR: AS IMAGENS DO MUNDO NATURAL NO BRASIL HOLANDÊS\*

LIMA, Priscila Rubiana de\*\*

## *Introdução*

É comum notarmos na documentação holandesa do século XVII, uma perspectiva que remete ao Brasil holandês enquanto uma conquista e não invasão. Este é um dos indícios que nos permitem conhecer detalhadamente o nordeste brasileiro através da catalogação da sua biodiversidade presente nos obras produzidas durante a permanência dos holandeses na América Portuguesa. Tal estudo do mundo natural foi sinônimo de conquista para as Ciências Naturais setecentista, cujo entendimento cultural de conquista ultrapassou o de produção e comercialização do açúcar, muito embora este também tenha sido um dos fatores presentes, mas não o único.

Por isso, deste trabalho é demonstrar o valor do pioneirismo das obras de George Marcgrave e Willem Piso, que foram um dos primeiros a registrar a grandeza da biodiversidade brasileira em documentos produzidos durante a permanência dos holandeses no nordeste brasileiro. Tendo o incentivo e proteção do Conde João Maurício de Nassau-Siegen ambos puderam, desse modo, descrever e representar não só a geografia, como também a rica flora e fauna tropical. Trata-se de documentos com valor inestimável para a História das Ciências no Brasil, valor que ultrapassa as expectativas, justamente por constituir a única referência abrangente sobre a fauna e a flora nordestina quando os ecossistemas locais

---

\* Este trabalho é uma das discussões realizadas em nível de mestrado pela Universidade Estadual de Maringá (PR). Foi produzido dentro do campo de abordagem da História das Ciências, onde se buscou dar um novo olhar a um fato conhecido da historiografia brasileira, ou seja, a invasão do nordeste da América Portuguesa pelos holandeses no século XVII. Ao nos atentarmos para o modo como os holandeses catalogaram os animais e plantas desta região, tivemos a oportunidade de compreender a importância deste material coletado no Novo Mundo, para os letrados europeus. Como resultado, conseguimos apresentar uma colonização com outras preocupações e interesses que não abrangiam somente a produção e comercialização do açúcar, como costumeiramente encontramos difundido na historiografia. Esta análise também resultou em um capítulo de livro intitulado ‘A Natureza do Brasil Holandês: Piso, Marcgrave e uma História Natural Do Brasil Ilustrada’, cujo livro denomina-se ‘História das idéias: viajantes naturalistas e ciências na modernidade’.

\*\* PRISCILA RUBIANA DE LIMA é graduada e mestranda em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR). É pesquisadora do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História (LAEE-UEM) e bolsista de mestrado da CAPES. Realiza trabalhos por meio da abordagem da História das Ciências. Atualmente desenvolve projeto de pesquisa intitulado “Cartas, flores, frutos e sementes: A correspondência entre Vandelli e Lineu sobre a flora da América Portuguesa”. Desta autora constam publicados dois capítulos de livro com os seguintes títulos: “A Natureza do Brasil Holandês: Piso, Marcgrave e uma História Natural do Brasil Ilustrada” e “A Viagem Philosophica e o empreendimento Iluminista Português na América setecentista”. (priscilarubiana@hotmail.com)

apresentavam-se relativamente intactos. Vale ressaltar também que não houve continuadores desses estudos por mais de um século.

Buscaremos fazer um resgate do contexto que permitiu a configuração do Brasil Holandês, destacando os interesses que o nortearam, a partir da criação da Companhia das Índias Ocidentais pela burguesia neerlandesa e da escolha do Conde João Maurício de Nassau para governador.

Apresentaremos também a importância das imagens e conteúdos das obras de Piso e Marcgrave para a Europa do século XVII. Assim como, a repercussão dessas obras no meio científico, enquanto representações da natureza e material valioso para difusão de conhecimento. Conhecimento este que superava o asfixiante imaginário seiscentista, ao fornecer um quadro despido de fantasias e monstros aterradores, e que causou, entre outras sensações, espanto e curiosidade nos europeus perplexos diante de um mundo desconhecido (TEIXEIRA, 1995: 15).

### ***A Ocupação Holandesa do Nordeste Brasileiro***

Portugal e os Países Baixos tinham uma longa história de relações comerciais. Essas boas relações sofreram mudanças após Portugal se unir à Espanha em consequência da crise dinástica desencadeada com a morte de D. Sebastião. A união das coroas ibéricas se deu em 1580 por Felipe II, fato histórico que tornou a América Portuguesa uma Colônia espanhola durante sessenta anos. Neste período, os Países Baixos lutavam contra a Espanha pela sua independência, fator esse que permitiu sucessivos embargos aos navios holandeses em portos ibéricos (TEIXEIRA, 1995: 15-16).

Nesse sentido, a união entre Portugal e Espanha comprometeu o suprimento de uma série de produtos indispensáveis aos Países Baixos, especialmente o sal de que dependia a indústria da pesca, uma das atividades mais rentáveis dos holandeses.

No caso da América Portuguesa, as relações comerciais com a Holanda se mantiveram, e até se expandiram, devido à cumplicidade de autoridades e homens de negócios portugueses, que atenuaram os efeitos das medidas restritivas decretadas pela corte de Madri. Do mesmo modo, desde o início da colonização do nordeste brasileiro, os holandeses estiveram sempre envolvidos, seja no financiamento de engenhos ou na comercialização das safras de açúcar (MELLO, 1999a: 20).

Graças à regularidade e frequência desses contatos, a Holanda dispunha de um conhecimento das condições econômicas e sociais da América Portuguesa, bem como de seu

litoral e portos. Este conhecimento foi importante na preparação e execução dos ataques contra a Bahia e Pernambuco.

A ocupação holandesa do nordeste brasileiro no século XVII foi, antes de tudo, uma consequência da guerra de independência dos Países Baixos empreendida contra a Espanha dos Habsburgos, em que a expansão colonial foi instrumento vital para atingir as bases da riqueza e poderio ibérico (MELLO, 1999a: 20).

Ela foi, também, resultado da expansão colonial européia e do consequente fortalecimento da burguesia mercantilista dos Países Baixos, cuja ascensão ao poder marcou profundamente o universo seiscentista, determinando a ruína dos gigantescos impérios de Portugal e Espanha. Em outras palavras, a revolução da burguesia holandesa e a disputa pelo tráfico colonial fizeram da Holanda a maior potência do século XVII.

É válido destacar que a Companhia das Índias Ocidentais resultou da iniciativa desta burguesia que era, em sua maioria, composta por comerciantes calvinistas originários dos Países Baixos espanhóis (atual Bélgica), que haviam emigrado para a Holanda após a reconquista de Flandres e da Brabante para a causa do catolicismo (MELLO, 1999b).

A Companhia das Índias Ocidentais foi fundada por carta-patente dos Estados Gerais das Províncias Unidas, em 1621, pela qual foi concedido a ela o direito exclusivo do comércio com a África atlântica, entre o Trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança (TEIXEIRA, 1995: 15-16).

A Companhia estava dividida em câmaras, com um total de 19 membros, que detinham participação nas despesas e nos lucros de acordo com a sua representatividade. Cada uma das câmaras tinha sua direção própria, administrava sua parte no capital comum e podia conduzir nas terras da concessão seu comércio privativo (MELLO, 1999b: 42).

Das várias propostas de empreendimento contra o inimigo espanhol, o Conselho dos 19 e os Estados Gerais escolheram pela invasão da América Portuguesa, em particular a região da Capitania de Pernambuco e seus arredores, pela possibilidade de se conseguir lucros fabulosos proporcionados pelo comércio do açúcar e do pau-brasil. Esta região da Colônia portuguesa representava a área de produção açucareira mais importante do mundo, o que seria suficiente para cobrir os custos de uma invasão e ocupação. Os diretores da Companhia estimavam também que, sendo Pernambuco capital donatorial e não pertencente à Coroa Portuguesa, Madri não teria maior empenho em sua restauração (MELLO, 1999a: 22).

Por esses motivos, Pernambuco era o grande projeto dos holandeses da Companhia das Índias Ocidentais. Eles haviam fundado na América do Norte, a Nova

Amsterdã, que mais tarde veio a se tornar Nova York, e, na América do sul, tinham um projeto bem mais ambicioso: a criação da Nova Holanda.

A presença colonial holandesa na América Portuguesa aconteceu entre os anos de 1624 e 1654. Apesar de temporalmente curto, quando comparado com os aproximados 400 anos da colonização portuguesa, o período holandês na América Portuguesa deixou para a posteridade um legado científico significativo.

Sob Nassau, as possessões holandesas estenderam-se até o Sergipe ao sul, e o Ceará ao norte. O Maranhão foi tomado e perdido, mas fracassaram expedições contra a Bahia. Apesar disso, a relativa paz reinante permitiu que se criasse, em Pernambuco, um clima propício ao florescimento científico, artístico e urbanístico, estimulado materialmente, pela maior concentração mundial de produção de açúcar (TEIXEIRA, 1995: 15-16).

### ***João Maurício de Nassau-Siegen e a Criação de um Espaço Privilegiado Para o Desenvolvimento da Ciência e da Arte no Brasil Holandês***

A família de Nassau era procedente da Alemanha central, residia nos Países Baixos desde 1400, onde obteve uma posição semi-monárquica. Ele recebeu uma boa formação, com a atenção voltada não só para as habilidades militares da corte como também para a ciência e a arte. Como um dos vinte e cinco filhos, o esperava um futuro pouco próspero como soberano de uma parte do pequeno reino Siegen. Felizmente, uma carreira no exército holandês sob o comando dos importantes governadores de Nassau, puderam oferecer-lhe perspectivas melhores.

João Maurício de Nassau-Siegen tinha, em si, a imagem ideal do príncipe renascentista. Ele era um homem que se distinguia tanto na habilidade dos ofícios militares como na demonstração de um apreço especial pelas artes. Sua educação foi norteadada pelo viés humanista em Basel, na Suíça, centro da cultura neolatina no mundo germânico, local de forte influência calvinista, que proporcionou a ele uma admiração pela cultura universalista. Seu gosto e sua preferência artística e literária eram marcados pela grande ressurreição cultural dos séculos anteriores, o Renascimento e o Humanismo.

Vale ressaltar que todo príncipe seiscentista, e não somente Nassau, buscava ser considerado um filósofo e patrono das artes, letras e ciência. Pretensão que tanto podia refletir um mero capricho da corte quanto um profundo interesse individual, isso sem contar que a coleta de informações básicas sobre a terra conquistada dificilmente seria desprezada por uma máquina administrativa ágil e eficiente como a da Companhia das Índias (GRIEBE, 1998).

O Conde João Maurício de Nassau-Siegen foi nomeado, pela Companhia das Índias Ocidentais, como governador em agosto de 1636, recebendo autoridade sobre os lugares conquistados na América Portuguesa, além de todas as forças de terra e mar que a Companhia tinha naquele momento, ou viesse a ter. Em 23 de janeiro de 1637, desembarcou em Recife, disposto a explorar as terras de Santa Cruz e, para tanto, não poupou energia no que se refere ao crescimento e desenvolvimento desta conquista holandesa.

No entanto, a nomeação de Nassau tinha como objetivo organizar bem a Colônia, expandi-la e torná-la lucrativa. Depois de sua chegada, muitas coisas efetivamente mudaram. Um forte poder central melhorou a administração. A corrupção dos funcionários e outros tipos de abusos moral foram combatidos. Nassau buscava, também, consolidar a segurança da Colônia e reconstruir a economia açucareira, seriamente afetada ao longo da guerra de resistência. Entretanto, o que o distinguiu dos demais dirigentes da Companhia, foi a sabedoria e visão política de que eles careciam, limitados que estavam por propósitos mercantis de curto prazo.

Na ilha de Antônio Vaz, lançou os fundamentos de uma nova cidade (Mauritsstad), construindo nela duas espaçosas casas de campo, uma das quais provida de um sortido aviário, um jardim zoológico e outro botânico, onde cultivava plantas frutíferas exóticas. Fundou também o primeiro observatório astronômico e meteorológico do Novo Mundo, nele sendo guardados registros relativos aos ventos e às chuvas. Teve em mente, inclusive, a fundação de uma universidade, que seria frequentada tanto pelos holandeses protestantes, quanto pelos portugueses católicos, projeto que, todavia nunca foi além do papel (GESTEIRA, 2004: 8).

Maurício de Nassau desenvolveu um extraordinário ambiente para o florescimento do estudo das ciências naturais em Recife. Ele se fazia acompanhar de um grupo seletivo de quarenta e seis homens formados, entre eles, filósofos naturais, médicos, artistas e artesãos trazidos dos países baixos e que exerciam função determinada para a qual recebiam. Essa sua grande corte, bem como seus ambiciosos projetos, os quais o próprio Nassau pagava à parte, representavam despesas altas à Companhia das Índias Ocidentais, que lidava com uma falta crônica de dinheiro e insistia em economizar. Como medida, a Companhia optou em não retirar o dinheiro investido com as artes e as ciências, mais diminuir drasticamente a concentração de tropas (FREEDBERG, 1999).

Dentro do grupo de pintores, destacam-se Frans Post (1612-1680), de Leiden, especialista em paisagens e Albert Eckhout, responsável pela caracterização do povo brasileiro e suas etnias. Presente na comitiva também estava Pieter Post, irmão de Frans Post,

responsável pelo planejamento arquitetônico e urbanístico das novas cidades da Colônia holandesa. Destaca-se, ainda, a presença de Willem Pies, conhecido pelo nome latinizado Piso (1611-1678), também de Leiden, que ficou encarregado de estudar as doenças e remédios tropicais, as abordagens terapêuticas dos ameríndios e seus costumes, e Georg Marcgrave (1610-1644), de Leibstad, que ficou incumbido de recolher exemplares sobre a fauna e flora brasileira, bem como realizar observações astronômicas e meteorológicas.

Foi exatamente, o mecenato de Nassau nas artes e na ciência que contribuiu, mais que tudo, para a fama de seu governo. Graças a sua proteção, George Marcgrave e Willem Piso procederam às investigações que culminaram na publicação da *Historia Naturalis Brasiliae* (1648). O conteúdo da catalogação e as imagens desta obra serviram de ascensão e prestígio para Nassau, que as usou como recurso para conquistar respeito social de seus pares e viver no estilo da nobreza da qual ele efetivamente fazia parte. Não é sem significado que o conde presenteou homens ilustres com iconografias (tapeçaria, pranchas, quadros, etc.) e estudos inéditos relacionados ao domínio holandês na América Portuguesa (MELLO, 1999a:28).

Nassau enviou coleções *brasileiras* a Rotterdam, Leiden, Haalem, Delft; presenteando também, os reis Frederico III, da Dinamarca e Luís XVI, da França, contribuindo poderosamente para a formação da imagem do *Brasil* na Europa. Nesse sentido, o conjunto de registros sobre a América, que circulava na Europa, estava estreitamente relacionado aos investimentos feitos no Atlântico sob o comando da Companhia das Índias Ocidentais (TEIXEIRA, 1995: 15-16).

Dois mapas importantes do Brasil holandês foram elaborados neste período (1637-1644) e enviados ao Conselho dos 19 da Companhia das Índias. O mais importante deles é de autoria de George Marcgrave, feito em 1643, permanecendo como o mapa mais exato da região até o século XIX, ele possui detalhes notáveis. Mostra, por exemplo, tipos diferentes de engenhos de açúcar e também aldeias nativas, pacíficas ou aguerridas.

Até, pelo menos, 1700, diferentes versões do mapa foram publicadas, pois era interesse da Companhia das Índias Ocidentais manter seus acionistas bem informados sobre seus sucessos no além-mar a fim de que estes financiassem novas expedições. Portanto, o Conselho dos 19 mandava publicar os tão falados mapas – jornais.

Vale destacar que, neste período, os mapas eram meios importantes para tornar conhecido artigos que podiam ser consumidos em mercados de luxo como, por exemplo, os animais exóticos vindos do ultramar.

Nassau compreendia que o conhecimento acerca da História Natural poderia ser ampliado significativamente com a exploração do Novo Mundo, principalmente no que se concerne às informações sobre a flora e a fauna. Uma vez que a descrição minuciosa dos produtos da natureza eram, em si, um meio de produção de conhecimento. Os textos e imagens eram resultados de observações cuidadosas e também fortes instrumentos de transmissão do saber, ainda mais se os exemplares *in natura* fossem oriundos de terras distantes. Visto que, neste contexto, nem todos podiam ser levados para a Europa sob risco de não se adaptarem e morrer, tanto plantas quanto animais (GESTEIRA, 2008: 165-178).

Maurício de Nassau estimulou os filósofos naturais e artistas a irem além dos registros geográficos do território, com o entusiasmo que os direcionavam às riquezas que representavam a flora, fauna e etnias do Brasil holandês. Desta forma, destacaram-se Piso e Marcgrave. Do relato de ambos, resultaram as obras *De Medicina Brasiliensi* e *Historia Naturalis Brasiliae*, editadas pela primeira vez em 1648. Nelas, as descrições fogem de qualquer imaginário ou fábula, despindo-se de toda fantasia. Uma abundância de materiais, informações sobre os variados aspectos da História Natural do Novo Mundo, colhidos nas diversas expedições pelo interior do sertão nordestino. Tais coletas foram suficientes para abastecer museus de universidades de boa parte da Europa. Uma importante coleta, pela riqueza do registro de plantas medicinais, patologias, flora, fauna de um período que, distava, apenas um século do descobrimento.

Mesmo com todos esses avanços e descobertas à Companhia, Nassau parecia um funcionário dispendioso. Por essa visão, para o Conde, a Companhia era uma empresa sem visão política e militar. Em 1641, com a assinatura da trégua luso-neerlandesa, a Companhia reduziu suas tropas na América Portuguesa, mesmo sob as advertências de Nassau. Dentro desse cenário foi aceito o pedido de demissão apresentado por Nassau, que retornou à Holanda em 1644, após sete anos de permanência no Brasil holandês. Entre os tesouros levados para Europa, nessa ocasião, destacavam-se um grande número de quadros, pinturas avulsas, estudos e desenhos relativos à História Natural, elaborados pelos artistas e cientistas que haviam acompanhado o Príncipe ao Novo Mundo (MELLO, 1999a: 28).

### ***Os Naturalistas Piso e Marcgrave e a Importância das Imagens e do Conteúdo de Suas Obras Para Europa***

Dentre os estudos no Brasil holandês, realizados a serviço de Maurício de Nassau, merece destaque especial, pela importância de sua contribuição, a obra *Historia Naturalis Brasiliae*, de Willem Pies (Piso) e George Marcgrave. Esta obra foi considerada, por

inúmeros pesquisadores, como a mais importante contribuição feita à História Natural mundial desde Aristóteles e Plínio (TEIXEIRA, 1995: 93).

Até aquele momento, ou seja, meados do século XV, boa parte do escasso conhecimento que a Europa possuía do resto do mundo vinha dos clássicos de origem árabe ou procediam do relato de uns poucos viajantes como Marco Polo, Montecovino e Piam de Carpine. Estas iniciativas ousavam ultrapassar as limitadas fronteiras entre as terras conhecidas e o inverossímil, penetrando no horror de um mundo desconhecido povoado de monstros e de maravilhas das Índias, onde o paraíso terrestre permanecia guardado por obstáculos intransponíveis.

No esforço para documentar a realidade das terras conquistadas, naturalistas e pintores da corte de Nassau reuniram um fabuloso acervo de informações. Os textos de Marcgrave e Piso, pela primeira vez, levaram ao Velho Mundo notícias sobre diversos aspectos da natureza sul-americana, muitas vezes fornecendo detalhes concretos sobre plantas e animais desconhecidos (GRIEBE, 1998).

Piso, natural de Leiden, era médico de reputação já firmada quando partiu para o Brasil. Quanto a Marcgrave, alemão de Leibstadt, iniciou uma peregrinação em 1627 que o levou, nos anos seguintes, a alguns dos maiores centros universitários europeus de Strasbourg a Basel e de Leipzig a Leiden, onde estudou medicina, matemática, astrologia, botânica e zoologia (LEITE, 1967: 82).

Em Leiden, em 1635, Marcgrave foi notado por Piso e por De Laet, que já faziam parte da Companhia das Índias Ocidentais e chamaram a atenção de Nassau para o jovem alemão de saber enciclopédico. Como resultado, em primeiro de janeiro de 1638, embarcou para o Brasil holandês, na qualidade de auxiliar de Piso (Op. Cit.).

Logo após sua chegada, Marcgrave deu início a uma espantosa atividade, que incluiu: a classificação de quase 700 espécies de plantas e animais; memórias sobre o clima; os habitantes e seus idiomas; uma descrição das estrelas do hemisfério sul; uma teoria sobre os planetas inferiores; sem falar na grande quantidade de trabalhos cartográficos e, ainda, desenhos ilustrativos e seus textos científicos. Ele contribuiu também com precisas observações astronômicas, assim como uma breve discussão sobre diversas tribos nativas do Brasil e do Chile, e um pequeno glossário de duas de suas línguas (FREEDBERG, 1999: 202).

No entanto, em 1644, Marcgrave retorna do Brasil holandês, embarcando logo em seguida para a África, onde morreu em agosto daquele mesmo ano em Luanda. Seu falecimento ocorreu antes de ter a oportunidade de organizar suas notas sobre o Brasil

holandês, que foram publicadas posteriormente por Laet, uma das mais importantes personalidades do desenvolvimento da História Natural holandesa.

Os trabalhos de Piso e Marcgrave são importantes, pois são iniciativas que ousavam ultrapassar as limitadas fronteiras das terras conhecidas, eles permitiram, aos europeus, penetrar em um mundo desconhecido. Graças a essas informações, consolidou-se um avanço sobre a História Natural, fazendo com que, antigos mitos, pouco a pouco se transformassem em riquezas a serem exploradas, mão-de-obra a escravizar e terras a conquistar (GRIEBE, 1998).

Mais do que descrições curiosas sobre animais e plantas exóticas ou povos bárbaros, esses relatos representavam a melhor, senão a única fonte de informações razoavelmente fiel disponível. Elas revelavam um instrumento fundamental para a avaliação tática e estratégica do processo de conquista e colonização, bem como um componente para o próprio universo do colonizador, que experimentava uma impressionante ambição pelas novidades de uma realidade além de qualquer imaginação. Constituindo, assim, um veículo ideal para o encanto de uma Europa ávida por novidades e tesouros ultramarinos (Op. Cit.).

O contínuo contato com as notícias do Novo Mundo desenvolveu, no europeu, uma difusão da prática colecionadora. Os animais, plantas e substâncias exóticas trazidos não só da América, como da Ásia e da África, careciam de lugares para serem cultivados e guardados. Não era uma tarefa fácil. Quanto à conservação das espécies vivas, tanto da flora quanto da fauna, encontravam-se dificuldades de adaptação climática ao mudarem de uma região tropical para uma temperada.

Dada as dificuldades da preservação de amostras das espécies, os relatos dos naturalistas, bem como as iconografias, tornaram-se os principais responsáveis por resgatar e registrar, com elevada qualidade artística e agudo senso de observação, os cenários, seres e coisas do Novo Mundo.

Dadas as forças do contexto, desde o século XVI, as gravuras conquistaram um potencial de circulação que fez com que as mesmas, além de ilustrarem os livros, pudessem ser adquiridas. Some-se a isso o fato de que o mercado editorial de Amsterdã era um dos mais movimentados da época, sendo alimentado pelas notícias oriundas do ultramar (GESTEIRA, 2008: 165-178).

O conhecimento sobre os animais e plantas era adquirido através de uma descrição minuciosa. Iniciava-se pelo nome, em seguida eram fornecidos detalhes sobre forma, tamanho e cor. Quando possível, eram evocadas semelhanças entre os exemplares da fauna e da flora já conhecidos pelos europeus. As gravuras não tinham apenas função

ilustrativa, mas eram vias primordiais para auxiliar a reprodução, mais fiel possível, do exemplar *in natura*. A observação atenta da natureza e os meios de representação dos objetos naturais eram etapas complementares na produção de conhecimento sobre o mundo natural. Sendo que, posteriormente, a nomenclatura de Marcgrave foi adotada, em sua maior parte por Lineu em sua classificação da fauna do, então, Brasil holandês (Op. Cit.).

Após o detalhamento da forma (anatomia) dos animais e plantas, eram listadas, também, as utilidades da espécie para a vida do homem, com destaque para os atributos terapêuticos e, como no exemplo da descrição do tamanduá, mencionava-se o lugar na ordem da natureza. O tamanduá era, conforme suas características, um exímio comedor de formigas, praga que atormentava a vida dos colonos no *Brasil*.

É importante acrescentar que, nas ilustrações de Marcgrave, ocorreram ilustrações etnográficas, que revelaram mapas e mostraram atividades agrícolas e industriais dos índios, especialmente as ligadas à produção de açúcar e extração de mandioca. Marcgrave alertou, diversas vezes, em seus escritos, para as bases empresariais da aventura colonial como um todo e, em particular, para as da exploração em História Natural (FREEDBERG, 1999: 204).

A presença de animais e plantas nos mapas neerlandeses do século XVII significou mais que um simples ornamento ou preenchimento de espaços vazios. Nesse sentido, os mapas, além de instrumento de conquista territorial, foram também um espaço precioso de veiculação de informações sobre o território, fazendo ligações específicas entre uma região, clima, flora, fauna e os homens que nela habitavam (GESTEIRA, 2008: 165-178).

Por fim, vale acrescentar que no mercado de artes da Holanda, havia uma distinção clara do interesse do público pelo exotismo em detrimento dos elementos da paisagem local. Verificou-se que os temas apresentados por Piso e Marcgrave, bem como pelos pintores de Nassau, possuíam um diferencial que causou admiração na sociedade europeia, pois, tais obras guardavam traços, cores e descrições que eram não somente frutos de um trabalho minucioso, mas, descrições sem precedentes de um mundo natural completamente desconhecido. Para concluir, numa comparação de valores, enquanto a pintura de uma paisagem brasileira alcançava, no mercado da época, a soma de cerca de 120 florins, uma paisagem holandesa, de um artista superior, atingia apenas 30 florins (GUTLICH, 2005).

### ***A Influência Calvinista na Valorização das Imagens da Natureza***

Embora a vertente calvinista não tivesse inundado a vida ou a literatura holandesa, as suas consequências políticas e sociais foram fortes. O calvinismo era um traço do caráter

holandês que moldou o modo de ver e compreender o mundo e, principalmente, a apropriação da natureza pela sociedade holandesa. O resultado final foi uma persistente pressão da Igreja sobre a nova ordem das coisas. Para a burguesia e para os camponeses dos Países Baixos ela permitiu um inconfundível padrão de ideias e de conduta, reformado e puritano (GREEN, 1984).

A religião, com a presença do calvinismo, deixou de ser uma relação pessoal com Deus para tornar-se um conjunto de crenças e práticas. Por isso, no século XVII, na Holanda, falava-se da religião também como campo da ciência (WOORTMANN, 1997).

O calvinismo pregava a doutrina do trabalho como vocação, como *chamamento* divino da devoção pessoal e da ação sistemática sobre a natureza, transformando-a para maior glória de Deus, estimulando a racionalidade econômica tanto quanto as ciências. Os valores puritanos constituíram um dos mais importantes fatores do desenvolvimento das ciências (Op. Cit.).

O puritanismo possibilitou a combinação do racionalismo e do empirismo, estes essenciais ao espírito da ciência moderna; permitindo uma nova percepção do homem e de sua relação com Deus e a natureza.

A ciência, para os holandeses calvinistas, significava o empenho do homem para controlar e agir sobre a natureza e sobre o mundo. Na Holanda houve um crescimento dos estudos da botânica e da zoologia, não se limitando ao utilitarismo. A religião, e não o lucro econômico, era o motivo predominante de boa parte dos investigadores dos países reformados e, as convicções religiosas, estavam profundamente presentes nos grandes cientistas setecentistas. Conhecer a natureza era também trabalhar para o engrandecimento de Deus. A natureza era vista por eles como a realização da obra divina (Op. Cit.).

Dentro desta perspectiva calvinista, a ciência era cultivada para a glória de Deus e para o benefício da humanidade, realizada, tanto de maneira empírica, quanto teórica. Portanto, para a comunidade holandesa calvinista, Piso e Marcgrave eram vistos como sacerdotes de Deus com relação ao livro da natureza.

A expressão *livro da natureza*, tanto quanto *teatro da natureza*, eram duas metáforas comuns no século XVII para se fazer referência ao mundo natural. A metáfora do livro faz parte da tradição ocidental desde tempos remotos. No entanto, foi durante o Renascimento que, cada vez mais, passou-se a atribuir à natureza a qualidade de livro, algo que poderia ser lido, interpretado, decifrado e manipulado pelo homem. Tanto a ideia do livro como a do teatro da natureza estão estreitamente vinculadas ao processo de transformação do

mundo natural em objeto de conhecimento, estimulados pelo calvinismo (GESTEIRA, 2004: 19).

Neste contexto, conhecer uma planta medicinal ou doença significava especular e recolher tudo que repousasse sobre ela. Por isso, o trabalho realizado pela equipe de Nassau era tão valorizado pelos calvinistas por exigir tanto trabalho, desprendimento e principalmente vocação.

Descobrir o valor terapêutico de uma planta seria, para os calvinistas, o mesmo que ler no livro da natureza deixado por Deus um de seus milagres. Nesse sentido, a presença de Piso e Marcgrave é emblemática, pois o conhecimento do mundo natural, elaborado por esses naturalistas, pautava-se na descoberta das várias propriedades e dos atributos terapêuticos de diversas espécies de origem *brasileira* (Op. Cit.: 20).

É possível compreender, portanto, que o entendimento calvinista acerca da História Natural, permitiu que as imagens e descrições funcionassem, também, como um monumento à memória que legitimou a posse e o governo exercido pelos Países Baixos. Sendo que tais imagens e descrições foram *fabricadas* como provas da eleição e predestinação, mesmo que alguns dos estudiosos, que acompanharam Nassau ao Brasil holandês, não fossem convertidos ao calvinismo.

Uma vez que, Maurício de Nassau, enquanto mecenas, era também calvinista, este poderia conceber os textos e imagens do Brasil holandês enquanto uma forma de reconhecer as obras de Deus por meio do estudo da natureza.

Pela linha de pensamento calvinista, que permeava a mentalidade holandesa do século XVII, compreende-se, portanto, que além de construir uma sofisticada e complexa visão da fauna, flora e geografia daquele Novo Mundo, tais imagens da natureza brasileira, feitas por Piso e Marcgrave, eram vistas como um monumento a exaltar a obra Deus.

### ***Elaboração, Construção, Conteúdo e Edições das Obras de Piso e Marcgrave***

Durante os sete anos de permanência no Brasil, Marcgrave elaborou um detalhado trabalho sobre a História Natural no Brasil, que o levou a empreender cerca de três expedições, de quarenta, vinte e onze dias, entre 1638 e 1640, possivelmente dirigidas a Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Tais idas a campo permitiram, tanto a ele, quanto a Piso, registrar e obter animais e plantas de ambientes variados, que compreendiam desde as lagunas litorâneas até a caatinga do interior (TEIXEIRA, 1995).

Todo o trabalho feito por Marcgrave, foi entregue ao seu mecenas, João Maurício, antes de partir para a África em 1644, onde veio a falecer, vítima de febre endêmica. Nesse

mesmo ano, João Maurício embarcou para a Europa e lá confiou os manuscritos de Marcgrave ao médico Piso para que este os organizasse e publicasse, juntamente com as observações de Piso sobre o clima, as moléstias e remédios usados no Brasil. Nessa época, Piso estava sobrecarregado e transferiu o encargo para Johannes de Laet que, por sua vez, trabalhou muito para concluir a tarefa.

Marcgrave escreveu todos os seus trabalhos em cifras, por ele mesmo inventadas, a fim de que ninguém pudesse tirar-lhe a glória de divulgá-las em primeiro lugar.

As relações entre Piso e Marcgrave, durante o tempo em que ambos residiram no Brasil, tem sido objeto de inúmeras controvérsias. Há quem acuse Piso de plagiar Marcgrave pelas magníficas realizações e prestígio que este tinha junto ao Conde, que chegou a encomendar, na Holanda, um observatório astronômico completo para que Marcgrave acompanhasse o eclipse solar de 1640. O que permitiu, desta forma, que Marcgrave fosse o autor das primeiras observações astronômicas sistemáticas com o uso de telescópio neste lado do mundo (LEITE, 1967: 83).

A primeira edição, e publicação, das observações feitas por Piso e Marcgrave, no livro cujo nome é *História Naturalis Brasiliae*, foi realizada por Johannes de Laet (1593-1648), diretor e escritor da Companhia das Índias. O primeiro volume foi intitulado *De Medicina Brasiliensi*, de autoria de Piso, e o segundo *Historiae Rerum Naturalium Brasiliae*, de autoria de Marcgrave.

A obra foi publicada em 1648, quatro anos após a morte de Marcgrave, num volume médico, sob o título *História Naturalis Brasiliae*. O editor, Johannes de Laet fez uma breve introdução aos leitores, onde promete uma nova versão, ou edição, quando a guerra terminar. Em 1828, Lichtenstein, publicou uma revisão crítica dos trabalhos de Marcgrave e Piso, principalmente no que se refere às ilustrações.

Lichtenstein chama a atenção para o valor do trabalho de Marcgrave e Piso, pois antes deles se estabelecerem no *Brasil*, os holandeses, desconheciam todos os seus produtos naturais que não fossem artigos de comércio. Surgiu, com Piso e Marcgrave, um novo reino, sendo eles os primeiros a dar uma notícia mais abrangente sobre o *Brasil*.

Além do valor do pioneirismo, o que lhes confere importância ainda maior é a circunstância de que, assim que os holandeses foram expulsos, os espanhóis fecharam, aos pesquisadores, esta parte do mundo, tornando-a assim inacessível durante um século e meio.

O primeiro volume, *De Medicina Brasiliensi*, é formado por quatro livros. O primeiro livro trata do ar, da água e dos lugares, uma clara evidência da influência hipocrática e galênica. O segundo trata das doenças endêmicas, e pode-se dizer que este foi o primeiro

relato sobre as doenças que se disseminavam no *Brasil*, bem como suas sintomatologias específicas. O terceiro livro descreve os venenos e antídotos encontrados em animais, plantas e minerais. E, por fim, o quarto livro descreve as propriedades terapêuticas de árvores, raízes, arbustos, frutas e mel; ressalta-se neste último livro, um relato detalhado das tecnologias envolvidas na feitoria do açúcar e na manipulação da mandioca (FREEDBERG, 1999: 202).

Piso descreveu, em detalhes, as endemias reinantes no Brasil e os meios de tratá-las. Observou o tétano, várias paralisias, disenteria, hemeralopia entre outras inúmeras doenças. Mostrou ainda a ação terapêutica do coco da copaíba, do tipi, do sassafrás da japecanga e do jaborandi.

O segundo volume da *História Naturalis Brasiliae*, de autoria de George Marcgrave, conta com oito livros. Os três primeiros livros são sobre ervas, arbustos e plantas frutíferas. O quarto livro é sobre peixes e crustáceos do mar e dos rios. O quinto livro é sobre as aves, o sexto trata dos quadrúpedes e répteis e o oitavo sobre a região, os índios e atuais habitantes (Op. Cit.).

Piso, alegando imperfeições nessa primeira edição, preparou uma nova onde, segundo ele, separou as coisas úteis das inúteis, as verdadeiras das duvidosas e supersticiosas, as salutares das nocivas, a fim de que as descobertas mais complexas exigissem profundas pesquisas (LEITE, 1967: 82-88).

Em 1658, surgiu uma nova versão da *História Naturalis Brasiliae*, sob a forma de 14 volumes sobre a história médica e natural de ambas as Índias, foi o *De Indiae utrisque re naturali et médica libri quatuordecim*, que compreende seis livros do próprio Piso (*Historia naturalis et medica indiae occidentalis* e a *Mantissa aromatica*), dois livros de Marcgrave (*Tractus topographicus et metereologicus brasiliae e o commentarius de brasiliensis AC chilensis índole ac linguae*) e seis livros de Jacob Bontius (FREEDBERG, 1999: 209).

Nesta edição, apareceu, exclusivamente, o nome de Piso numa folha de rosto. Piso atribuiu a si mesmo o trabalho que antes foi corretamente creditado a Marcgrave. No entanto, Piso adaptou o texto de Marcgrave e lhe fez acréscimos. Nesta segunda edição, contém de inédito algumas observações astronômicas pioneiras sobre o hemisfério austral. Além de observações realizadas por Marcgrave no primeiro observatório do Novo Mundo e do hemisfério sul (Op. Cit.).

Depois da publicação dos dois livros sobre História Natural brasileira, em 1648 e 1658, a Holanda superou todas as nações europeias no valor científico e artístico de suas

ilustrações, que se tornaram superiores por serem úteis cientificamente e conter descrições cuidadosas (Op. Cit.: 211-212).

No que tange à História Natural brasileira, o valor dessas obras, ultrapassou todas as expectativas, inclusive por constituir a única referência abrangente sobre a fauna e a flora nordestina quando os ecossistemas locais apresentavam-se relativamente intactos. Além de realizarem significativas ligações orgânicas entre o lugar, o clima, a fauna, a flora e os próprios homens de uma região. Tornando-se, atualmente, insuperáveis testemunhos de um mundo perdido, que conseguiu sobreviver por meio dos resultados dos estudos zoológicos e botânicos de Piso e Marcgrave durante a ocupação holandesa do Brasil, no chamado período mauriciano.

Em quase duzentos anos da publicação dos trabalhos de Piso e Marcgrave, encontramos inúmeros relatos de valorização de suas obras. Muitos foram os pesquisadores que, ao longo da história, deram importância ao trabalho de Marcgrave para a botânica e zoologia, como, por exemplo, o zoólogo Martius Lichtenstein, professor e diretor do Museu Zoológico de Berlim entre 1814-1826, que mostrou a importância da obra no que diz respeito às plantas brasileiras.

Na botânica, em homenagem a Marcgrave, Lineu criou a família das marcgraviáceas, planta cujo gênero é amplamente disseminado no Brasil. Sem podermos esquecer de mencionar que a História Natural deve a Piso e Marcgrave a primeira noção do veneno ofídico, ou seja, das cobras, que é injetado através dos dentes osos situados na parte anterior da cabeça deste répteis quando estes mordem.

Apesar da imensa riqueza contida no livro de Piso, pouco se tem falado de sua obra ao longo desses quatro séculos. Publicada pela última vez em 1948, esta nossa primeira História Natural apresenta-se como um marco para a História das Ciências no Brasil, bem como para a História da Ciência Ocidental, ao mostrar para a Europa imagens e saberes acerca do Novo Mundo.

O período de 1647 a 1658 foi marcado pelas publicações resultantes da expedição de Maurício de Nassau, em volumes e livros, sobre plantas raras do Horto de Amsterdam. Entretanto, esses registros, assim como os dados do espaço e a compreensão da paisagem, serviram de imediato a fins militares.

O material coletado durante o governo de Nassau é prova do acentuado interesse dos holandeses pela arte e pela ciência. Onde, em particular, as obras de Piso e Marcgrave mostram, além da ligação com a ciência na forma das descrições topográficas, faunística e florísticas, um elo entre comércio, ciências, exotismo e coleta. Uma vez que o comércio em

expansão e o próprio interesse das autoridades em manter coleções era motivo suficiente para garantir um fluxo contínuo de espécimes coletados para seguirem à Europa (TEIXEIRA, 1995).

Esse comércio permitiu, especialmente ao europeu, o acesso aos objetos comercializados, transportados e cultuados em museus. Nesse sentido, não causa surpresa o fato de que os membros da nobreza passaram a se dedicar à organização dos famosos *gabinetes de curiosidades*, contendo ricos manuscritos ilustrados sobre a fauna, a flora e as raridades vindas do Novo Mundo. Gabinetes cada vez mais em voga, graças a certas características do enciclopedismo do século XVII.

Os relatos de Marcgrave e, sobretudo os de Piso, deixaram claro que os holandeses consumiam uma ponderável variedade de elementos da fauna e da flora oferecidos em mercados locais, o que ampliava a possibilidade de aquisições interessantes. Essa mentalidade privilegiava os animais e plantas da maior parte do Brasil holandês, ou possuidores de alguma característica notável, bem como aqueles utilizados na medicina ou na alimentação, sendo que as discussões acerca da *utilidade* de cada espécie estavam presentes a cada descrição (PAPAVERO, 1996: 50-55).

Nesse sentido, podemos compreender que os holandeses não foram os pioneiros nas navegações, nem tampouco foram os primeiros a levar registros das viagens para o continente europeu ou mesmo a transportar espécies exóticas. Mas, no entanto, a experiência holandesa no Brasil do século XVII se diferenciou pela presença dos naturalistas Piso e Marcgrave, empenhados em recolher dados sobre a natureza americana. Esse fato distinguiu a coleta sob dois pontos de vista complementares: o processo de reunir os dados segundo um critério preestabelecido, e o envio desses dados para imediata edição e incorporação às coletas científicas européias. É expresso, com clareza, o fato das obras *Historia Naturalis Brasiliae* (História Natural do Brasil) e *Historia Naturalis et Medica Indiae Occidentalis* (História Natural e Médica da Índia Ocidental), terem permanecido, durante um longo tempo, como referências importantes para os estudiosos das ciências da natureza (GESTEIRA, 2004: 20).

### **Conclusão**

Das reflexões sugeridas por essa pesquisa, dedicadas aos naturalistas Piso e Marcgrave, verificamos uma importante contribuição da moderna ciência do século XVII, responsável pela investigação dos segredos do mundo natural colocada ao alcance da humanidade, para inaugurar um período onde não se teria lugar para o misterioso.

Neste contexto, entendia-se que tudo o que habitasse e se encontrasse na superfície da terra fora criado por Deus e, que tais criações, tinham como único propósito de existência servirem para instrução e uso do homem. No entanto, a natureza só passou a ser explorada significativamente a partir do momento em que a mesma passou a ser catalogada, esquadrinhada, estudada e descrita de maneira metódica, fazendo do naturalista e dos estudos acerca da natureza, uma maneira de aumentar as possibilidades do mundo natural para o homem. Sendo que, nesse ponto, verificamos a contribuição dos registros feitos pelos naturalistas do conde João Maurício de Nassau, Piso e Marcgrave.

Assim, por exemplo, as informações dos espaços políticos, as configurações da exata situação costeira, os estudos relativos aos ventos, marés, enfim, todo conhecimento que respondesse por uma navegação segura era de interesse não somente das ciências, mas também da política. Do que resulta uma História Natural, onde abundam temáticas como: riqueza florestal (flora e fauna), agricultura, pesca, minério, aspectos antropológicos, plantas medicinais, salubridade do território e doenças endêmicas, entre outros temas.

As descrições de Piso e Marcgrave contribuíram grandemente para a formação de uma imagem do Brasil na Europa. Entre outros fatores, a distribuição, feita pelo conde de Nassau, das coleções referentes à natureza catalogada no Brasil holandês para reis, príncipes e pessoas influentes, a fim de obter vantagens e concessões políticas teve papel fundamental para a divulgação das obras desses pesquisadores.

De grande importância para o pesquisador do século XVII, essas coleções de desenhos da flora e da fauna brasileira, além do cunho artístico, possuíam valiosas informações da natureza, que estavam diretamente ligadas aos livros de Piso e Marcgrave, usados como base para as gravuras, que acompanham as descrições e relatos.

As obras de Piso e Marcgrave se tornaram únicas e raras, pois, muitas espécies zoológicas e botânicas não alcançaram nosso século, assim como alguns saberes indígenas acerca da natureza. Conhecimentos que hoje se encontram *preservados* nas obras desses naturalistas, que acompanharam e serviram Maurício de Nassau em seu domínio holandês no nordeste *brasileiro*. Piso, por exemplo, procede à metodologia, até hoje usada, na catalogação de herbários. Suas descrições acerca das doenças, bem como, dos simples, mezinhas e drogas apontados na *De Medicina brasiliensi* devem ser encaradas como insuperáveis testemunhos de como se concebia não somente uma patologia, mas também como se apreendia sua disseminação, sintoma, formas de contágio e conseqüentemente o tratamento no Brasil do século XVII.

O historiador Sérgio Buarque de Holanda afirma que a obra de Piso foi e é de tal relevância e sem continuadores por mais de uma centúria e constitui-se consulta obrigatória sobre o nosso país, até o século XIX, obra de referência a todo médico ou boticário europeu (1960: 246).

No entanto, é curioso observarmos que, em sua trajetória, a *De Medicina Brasiliensi* enquanto referência bibliográfica foi, amplamente, divulgada na área da saúde por mais de duzentos anos. Porém, como fonte documental acerca da história da medicina e das doenças, a obra de Piso permaneceu inédita. Pois, apesar de ter sido celebrada, a publicação de Piso só veio a ser traduzida do latim para o português em 1942, e publicada em 1948. É justo afirmarmos que, decorridos 62 anos desde a publicação em português da obra de Piso, importantes investigações historiográficas foram feitas acerca do domínio holandês no nordeste brasileiro, porém nenhum estudo se ocupou da obra *De Medicina Brasiliensi*.

Para concluir, entendemos que a presença neerlandesa no Brasil, durante o século XVII, legou-nos um manancial de informações sobre a região, sendo que, ainda hoje, formam um conjunto rico de textos e de iconografias que ajudam a fixar a imagem do Brasil holandês como um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ciências e das artes em solo americano, especialmente, na cidade Maurícia.

Portanto, os holandeses, além de demarcarem um território, fizeram também uma descrição minuciosa do mesmo, contendo referências aos elementos da natureza e também dos habitantes. Transformando tais obras, em meios de difusão de conhecimento arte.

Pela relevância de tais fontes documentais, sentimos uma enorme carência, na historiografia brasileira, de estudos aprofundados acerca do trabalho realizado pelos naturalistas Piso e Marcgrave, no intuito de enriquecer os conhecimentos da História Natural brasileira.

## Referências

FREEDBERG, David. Ciência, Comércio e Arte. IN: HERKENHOFF, Paulo. **O Brasil e os Holandeses (1630-1654)**. Rio de Janeiro: Editora Sextante Artes, 1999, p. 192-159.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. **Representações da Natureza**. Mapas e gravuras produzidos durante o domínio neerlandês no Brasil (1624-1654). Revista do IEB. N.46, p.165-178, fev.2008.

GESTEIRA, Heloisa Meireles. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v.2, n.I, p.6-21, jan./jun. 2004.

GREEN, V.H.H. **Renascimento e Reforma**. A Europa entre 1450-1660. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

GRIEBE, Jacob Wilhelm; TEIXEIRA, Dante Martins (Org.). **Brasil Holandês**. Coleção Animaux et Oiseaux – naturalien – Buch. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora Índex, 1998.

GUTLICH, George Rembrandt. **Arcádia Nassoviana**. Natureza e imaginário no Brasil Holandês. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **A Época Colonial: Do descobrimento à expansão territorial**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, Tomo I, vol. 1, 1960.

LEITE, José Roberto Teixeira. **A Pintura no Brasil Holandês**. Rio de Janeiro: Edições G.R.D, 1967. p.82-88.

MARCGRAVE, Georg. **História Natural do Brasil Ilustrada em 1648**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1948.

MELLO, Evaldo Cabral de. Os Holandeses no Brasil. IN: HERKENHOFF, Paulo (Org.). **O Brasil e os Holandeses (1630-1654)**. Rio de Janeiro RJ: Editora Sextante Artes, 1999a, p. 20-41.

MELLO, José Antonio Gonsalves de. Companhia das Índias Ocidentais. IN: HERKENHOFF, Paulo (Org.). **O Brasil e os Holandeses (1630-1654)**. Rio de Janeiro RJ: Editora Sextante Artes, 1999b, p. 42-63.

PAPAVERO, Nelson. **A Descoberta da Biota Americana pelos Europeus**. Ciência hoje 15 (86), 1996, p. 50-55.

PISO, Willen. **História Natural do Brasil ilustrada em 1648: De Medicina Brasiliensi**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1948.

TEIXEIRA, Dantes Martins (Org.). **Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae**. Brasil – Holandês. Deutch-Brazil. Tomo I, Introdução e Miscelânea Cleyeri, Tomo II Libri Principis vol I, Tomo III Libri Principis vol II, Tomo IV Ícones Aquatiliu & Ícones Volatiliu, Tomo V Ícones Animalium & Ícones Vegetabiliu. Rio de Janeiro: Editora Índex, 1995.

WOORTMANN, Klaas. **Religião e Ciência no Renascimento**. Brasília: Editora UNB, 1997.